



ALEMANHA

Um ataque incomum

Preso pelo atropelamento em massa num mercado de Natal em Magdeburgo, médico saudita é um ativista anti-islâmico, que teria agido por insatisfação ao tratamento dispensado aos refugiados de seu país. Ataque deixou cinco mortos

AFP



Com semblante soturno, o chanceler Olaf Scholz (C), acompanhado de autoridades federais e locais, esteve no local da tragédia

Autoridades alemãs descartaram, ontem, qualquer motivação islamista no atropelamento em massa, ocorrido na véspera, num mercado natalino de Magdeburgo, no leste do país. No entanto, as circunstâncias da tragédia ainda intrigam a polícia. Afinal, pelo menos aparentemente, o condutor do veículo que avançou sobre a multidão presente na feira tem um perfil insuspeito, que não se encaixaria no de um terrorista clássico. O ataque deixou cinco mortos e 200 feridos, cerca de 40 em estado grave.

Preso no local, o refugiado saudita identificado como Taleb Jawad al Abdulmohsen — um médico psiquiatra de 50 anos — é um conhecido ativista anti-islâmico e simpatizante da extrema direita da Alemanha. As investigações iniciais indicam que ele pode ter agido por insatisfação com o tratamento dispensado pelo governo do chanceler federal Olaf Scholz a demandantes de asilo de seu país.

“Ao que parece, o pano de fundo do crime (...) pode ter sido o descontentamento com a forma como os refugiados sauditas são tratados na Alemanha”, disse à imprensa o promotor Horst Walter Nopens.

A ministra alemã do Interior, Nancy Faeser, qualificou o saudita, radicado no país desde 2006 e com estatuto de refugiado desde 2016, de um “islamofóbico” em vista de seus posicionamentos públicos.

Ameaças

Há dois anos, Al Abdulmohsen, que trabalhava em uma clínica de Bernburgo, distante 50km de Magdeburgo, se definiu, em uma entrevista à agência France Presse (AFP), como ateu. Ele destacou que, por esse motivo, teve que deixar a Arábia Saudita, onde tinha sido “ameaçado de morte por apostasia do Islã”.

Nos últimos anos, o médico psiquiatra manteve nas redes sociais, com aproximadamente 40 mil seguidores, um discurso radical e salpicado de teorias conspiratórias. Nas postagens, não omitia sua simpatia com as posições da extrema direita alemã contra a imigração muçulmana.

Frequentemente, Al Abdulmohsen criticava as autoridades alemãs por não protegerem o suficiente os sauditas



É importante que permaneçamos unidos como país”

Olaf Scholz, chefe de governo alemão

que fugiam de seu país por razões religiosas ou políticas, embora se mostrassem generosas, em sua opinião, com os refugiados muçulmanos de outros países do Oriente Médio.

Em agosto, ele escreveu em sua conta na rede social X: “Existe um caminho para a justiça na Alemanha sem explodir uma embaixada alemã ou sem degolar aleatoriamente cidadãos alemães? Busco esse caminho pacífico desde janeiro de 2019 e não o encontro.”

“Trata-se de uma pessoa psicologicamente perturbada e excessivamente pretensiosa”, disse

AFP



Flores e velas em homenagem às vítimas do ataque: 200 pessoas ficaram feridas, 40 delas gravemente

à agência France Presse Taha al Hajji, da Organização Euro-saudita de Direitos Humanos (ESOHR), sediada em Berlim.

União

“Foi um ato terrível”, classificou o chefe do governo alemão,

que visitou, ontem, o local da tragédia. Com um semblante sombrio, vestido de preto, ele depositou flores do lado de

fora de uma igreja em frente ao mercado natalino. O político do Partido Social-Democrata (SPD), que enfrenta uma grave crise, fez um chamado à coesão nacional, prometendo agir “contra aqueles que querem semear o ódio”.

“É importante que permaneçamos unidos como país”, disse Scholz, ciente de que o ataque na capital da Saxônia-Anhalt, um dos estados da antiga Alemanha Oriental, acrescenta ingredientes amargos à tribulação do país.

O partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD) usou o ataque para denunciar a chegada de centenas de milhares de refugiados ao país nos últimos anos. “Quando esta loucura vai acabar?”, questionou na rede X Alice Weidel, copresidente da AfD, legenda que aparece em segundo lugar nas pesquisas para as eleições legislativas antecipadas do fim de fevereiro de 2025.

Vários moradores de Magdeburgo expressaram sua revolta e um deles instou Scholz a “dialogar com a AfD” sobre a política de acolhida aos refugiados. “Quando tanta gente vem ao nosso país, é preciso ser mais vigilante. Agora pagamos o preço”, observou o engenheiro Michael Raarig, de 67 anos. Ele declarou à AFP que estava “triste e chocado” com o atropelamento. “Nunca pensei que isto poderia acontecer em uma cidade de uma província do leste da Alemanha”, disse.

O ataque, ocorrido por volta das 19h locais (15h de Brasília) de sexta-feira, ocorreu oito anos depois de um atentado jihadista em um mercadinho de Natal em Berlim, no qual morreram 12 pessoas.

Reações

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, solidarizou-se com os alemães. O chefe da Casa Branca descreveu o ataque como um “acontecimento desprezível e obscuro” e afirmou estar em contato com as autoridades do país.

Secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Pietro Parolin informou que o papa expressou, em um telegrama enviado ao presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier, sua compaixão “pela dor dos afetados”.

ORIENTE MÉDIO

Mais uma vez, Natal sem festa em Belém

Pelo segundo ano consecutivo, não há clima de celebração natalina em Belém devido à guerra na Faixa de Gaza e às restrições de circulação que o Exército israelense impõe na Cisjordânia ocupada. Na Praça da Manjedoura, não há o tradicional movimento de peregrinos. As luzes estão apagadas.

O interior da Igreja da Natividade, que guarda o local onde se acredita que Jesus Cristo nasceu, está praticamente vazio. Apenas os cantos de poucos religiosos eventualmente ecoam no local. “Normalmente, nesses dias, encontrávamos entre 3 mil e 4 mil pessoas dentro da igreja”, observa Mohamed Sabe, segurança do templo.

A violência na Cisjordânia aumentou desde o início da guerra entre Israel e o Hamas, em 7 de outubro do ano passado. Belém tem permanecido relativamente

intocada pelas hostilidades, mas sofre suas consequências.

Os turistas estrangeiros, dos quais depende em grande parte a economia da cidade, hoje maioritariamente muçulmana, deixaram de visitá-la. Além disso, o aumento das restrições de circulação afasta os palestinos. “Os cristãos de Ramallah não podem vir porque existem postos de controle de segurança”, diz Sabe.

Barricada

Segundo o prefeito de Belém, Anton Salman, além dos postos de controle pré-existentes, o Exército israelense instalou novas barricadas ao redor da cidade, criando “um obstáculo” para potenciais visitantes. “Pode ser que alguns consigam chegar e outros enfrentem os controles instalados por Israel no entorno”, lamenta.

AFP



A atmosfera sombria criada pela guerra em Gaza, que eclodiu com o ataque sem precedentes do Hamas a Israel, transformaria

as celebrações em uma demonstração de insensibilidade, acredita o prefeito. “Queremos mostrar ao mundo que Belém não está

tendo um Natal normal”, destaca.

De acordo com Salman, as orações e a visita do Patriarcado Latino de Jerusalém continuarão, mas o programa se limitará aos eventos religiosos, longe das celebrações festivas de antes. Não haverá desfile de carros alegóricos, marchas ou grandes aglomerações nas ruas.

Economia

“Belém é especial no Natal. É muito especial para a Terra Santa. Jesus nasceu aqui”, ressalta o guia turístico Suad Handal, de 55 anos, que atuava na cidade.

“É horrível porque a economia de Belém depende do turismo”, acrescenta.

Dono de uma das lojas mais bem localizadas da Praça da Manjedoura, Joseph Giacaman conta que, agora, só abre o estabelecimento uma ou duas vezes por semana para “limpar” devido à falta de clientes. “Muitas famílias perderam os seus negócios porque não há turistas”, acrescenta Aboud, um comerciante de souvenirs que não quis revelar o sobrenome.

Na Cidade Velha de Jerusalém, a apenas 8 quilômetros de distância, mas do outro lado do muro construído por Israel, o bairro cristão também não colocou as habituais decorações natalinas. O reforço da segurança em torno de Belém desde o início da guerra, combinado com dificuldades econômicas, levou muitos moradores a abandonar o local.